

## V WORKSHOP EMPRESA, EMPRESÁRIOS E SOCIEDADE

### O mundo empresarial e a questão social

Porto Alegre, 2 a 5 de maio de 2006 – PUCRS

#### GT 2 – Organizações empresariais, representação de interesses e ação política

### Empresariado, representação de valores e interesses: análise de um segmento dos empresários de Jaraguá do Sul (SC)

Flávio Ramos (UNIVALI)\*

Alessandro Hansen Vargas (UNIVALI)\*\*

#### Resumo

*Um dos maiores mitos da contemporaneidade, em estudos organizacionais ressaltados pela literatura do business, reside na hipótese de que organizações privadas são mais eficazes, do ponto de vista da gestão, do que as organizações públicas. Os atores-chave do Estado, a partir de suas ações, fomentam o imaginário do empresariado e influenciam, em parte, o comportamento do mesmo perante a esfera pública-estatal. Por outro lado, com muita frequência, observamos o entrelaçamento de atores do Estado com grupos econômicos. A intenção deste artigo é apresentar análises exploratórias envolvendo as representações dos empresários de Jaraguá do Sul (SC) sobre as instituições políticas, o mercado e a avaliação que os mesmos fazem acerca das políticas públicas, bem como os sistemas de representação de interesses estabelecidos entre a esfera pública e a esfera privada.*

---

\* Flávio Ramos é Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e professor do Mestrado Profissionalizante em Gestão de Políticas Públicas - PMGPP da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

\*\* Alessandro Hansen Vargas é mestrando do Programa de Mestrado Profissionalizante em Gestão de Políticas Públicas – PMGPP da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

## **Introdução**

O estudo de grupos empresariais assume significativa importância na atualidade, principalmente quando as relações entre a esfera privada e o Estado são abordadas. Há pesquisas que abordam sistematicamente aspectos específicos de processos de gestão e aspectos técnicos envolvendo empresas em busca de resultados. A essência da pesquisa reside no pressuposto de que o mercado não se constitui de empresas isoladas, buscando, cada qual, maximizar resultados a partir de um comportamento racional.<sup>1</sup> No presente estudo, a intenção é negar as abordagens funcionalistas que entendem a existência desses grupos como algo vinculado ao crescimento da economia do desenvolvimento econômico do País, assumindo, desta forma, uma missão importante no contexto nacional. Conectar o ator econômico à estrutura social e compreender o mercado como uma construção social permitirá compreender como a economia está inserida em instituições econômicas e não econômicas (Raud, 2005). As ações empresariais não seriam estruturadas a partir de uma dinâmica de mercado atendendo a objetivos bem definidos, mas construídas socialmente e sofrendo a influência de inúmeras variáveis não necessariamente econômicas.

O trabalho tem como objetivo analisar qual a compreensão e a percepção que os empresários de Jaraguá do Sul (SC)<sup>2</sup> têm sobre as instituições políticas e a avaliação que os mesmos fazem acerca das políticas públicas desenvolvidas localmente, regionalmente e nacionalmente, bem como observar a possível formação de redes de relações interpessoais entre o empresariado local e a esfera pública local. A intenção, portanto, é desenvolver uma análise sociológica da economia local, identificar a importância das mediações sociais nos fenômenos econômicos, a predisposição das lideranças empresariais do município em ocupar cargos eletivos e as relações entre o público e o privado.

A pesquisa encontra-se em desenvolvimento e, em função disso, limitar-nos-emos a apresentar as primeiras percepções que possam nortear e consolidar hipóteses. Para isso faz-se

---

<sup>1</sup> O pressuposto teórico da economia neoclássica tem como base a idéia de que o empresário é movido unicamente por interesses materiais, não levando em conta o comportamento de outros atores. Weber assumia postura teórica distinta, ressaltando a importância da sociologia econômica considerar as ações movidas por interesses materiais, mas igualmente movidas por interesses ideais, influenciadas, neste caso, pelo comportamento dos outros atores da sociedade (Swedberg, 2005).

<sup>2</sup> Localizado na região nordeste do Estado de Santa Catarina, distante 185 Km de Florianópolis, encravada no “Vale do Rio Itapocu”, possui uma população de 124.661 habitantes (IBGE-2004) e renda per capita de R\$ 21.656,00 (AMVALI-2004), IDH 0,850 (PNUD-2000). Ostenta o terceiro parque industrial do Estado, sendo o quinto maior município exportador de Santa Catarina, registra 8.669 empresas (PMJS- divisão de tributação-2005), destacando-se os ramos metal-mecânico, têxtil e confecções, alimentício e mobiliário. Para maiores informações ver: [www.jaraguadosul.com.br](http://www.jaraguadosul.com.br)

uma análise qualitativa, baseada em entrevistas exploratórias que focalizam o comportamento, a representação dos interesses e a circulação das elites<sup>3</sup> nas esferas pública e privada. O período compreendido foi delimitado entre janeiro de 1993 e dezembro de 2004.

### **Empresários, Estado e sociedade**

Conforme Wright Mills (1981), nas sociedades modernas existe uma clara tendência de circulação das elites pelas esferas institucionais na estrutura do poder. Estas seriam responsáveis pelas transformações de ordem estrutural no mesmo, uma vez que os atores deslocam-se facilmente através da cúpula das principais ordens. A teoria das elites descreve como a circulação das elites garante e assegura o equilíbrio e longevidade das sociedades modernas (Grynszpan, 1996).

Embora possamos sintetizar consensos em torno de uma perspectiva liberal do empresariado brasileiro<sup>4</sup>, se mostra evidente que as ações e as posturas empresariais não assumem características únicas. Corcuff (2001, p. 135-142) lembra a contribuição de Luc Boltanski, quando o autor sistematiza uma abordagem construtivista de grupos sociais como, por exemplo, o empresariado. A dificuldade residiria justamente em como definir “grupo de empresários”. Afinal, o que é ser “empresário”? Não teríamos, necessariamente, a existência de tal grupo como algo delimitado, embora não se possa deixar de observar a existência de um grupo que aceita se definir como “empresários”, a partir de um princípio básico de identidade. No entanto, o pesquisador não pode se deixar influenciar por esse dado, apreendendo a realidade de forma objetivista.

O foco principal de nosso trabalho é analisar como o grupo de empresários de Jaraguá do Sul se constituiu, enquanto grupo explícito, com denominação, porta-vozes e representações de valores, constituindo identidades próprias. Os empresários, é bom ressaltar, são constituídos por indivíduos dessemelhantes, pois além de terem experiências vivenciais distintas, as empresas às quais estão vinculados, igualmente têm especificidades próprias, não formando algo uniforme, homogêneo. A contribuição da Nova Sociologia Econômica (NSE) é decisiva para compreender

---

<sup>3</sup> Consideramos “elite” um grupo num sistema social que tenha um lugar de destaque ou liderança. O conceito de “circulação de elites”, por sua vez, foi elaborado por Vilfredo Pareto, destacando que, independente das instituições democráticas vigentes em qualquer país, são as elites que efetivamente governam.

<sup>4</sup> Para aprofundar estudos relacionados à ideologia do empresariado brasileiro, ver Diniz (2000).

o fenômeno das ações empresariais.<sup>5</sup> Granovetter (1985), por exemplo, no estudo das redes de relações sociais apresenta-se como um autor referência. Embora fiel ao individualismo metodológico, considerando os fenômenos sociais fundamentados nas motivações e comportamento dos indivíduos, as ações dos atores são condicionadas por redes de relações interpessoais.<sup>6</sup> As atividades empresariais, neste caso, não estariam sedimentadas em redes pessoais, mas também constituiriam em redes de empresas, ou seja, grupos econômicos que se caracterizam como uma coleção de empresas interligadas (Raud, 2005).

A partir dessas considerações poderemos analisar os empresários de Jaraguá do Sul (SC) em suas representações sobre a eficácia dos serviços públicos, bem como as ligações entre a esfera privada e a esfera pública, como um fluxo de ações que constroem a realidade a qual estão inseridos, sem considerar essa mesma realidade como algo dado ou consolidado e, da mesma forma, não considerando as ações executivas como reflexo de uma racionalidade abstrata. A Nova Sociologia Econômica<sup>7</sup> entende que as organizações, a partir das iniciativas de seus executivos, adotam práticas de gestão não apenas para viabilizar resultados, mas também para buscar legitimidade social, rompendo com a dicotomia que opõe instituições e cultura. O mundo das organizações teria limites cognitivos.<sup>8</sup> Os empresários, nessa perspectiva de análise, ignoram princípios de uma suposta racionalidade gerencial, seguem opiniões de outras pessoas ou são influenciadas por tradições, tornando a organização uma coalizão política de interesses e objetivos múltiplos e em constante mudança (Pugh e Hickson, 2004).

Weber ressaltava que o comportamento individual, e neste caso poderemos incluir o empresariado, não era motivado unicamente pelo interesse, mas também pelo comportamento de outros atores, pela tradição e emoções diversas. O próprio surgimento do capitalismo, ainda de acordo com o sociólogo alemão, era visto como um processo que teve dimensões institucionais, mas principalmente culturais (Swedberg, 2005). Cornelius Castoriadis não aceitava analisar a sociedade apenas a partir de uma dimensão material, privilegiando

---

<sup>5</sup> A sociologia econômica analisa como os fenômenos econômicos influenciam a sociedade, bem como o restante da sociedade os influencia. Os conceitos teóricos principais residem no entendimento sobre a construção social da economia. Sobre este tema, ver Swedberg (2004).

<sup>6</sup> Weber afirmava que não apenas o interesse, mas aspectos outros, não materiais, também teriam influência sobre o comportamento humano. A sociologia econômica de Weber procura ressaltar que não é possível esvaziar a análise dos fenômenos econômicos de seu conteúdo social. A nova sociologia econômica reforça tal pressuposto, pois o comportamento econômico estaria inserido nas relações sociais (Swedberg, 2004).

<sup>7</sup> Interessante observar a contribuição do neo-institucionalismo, num diálogo interdisciplinar com a NSE. Ambas as vertentes teóricas sofrem significativa influência do construtivismo social.

<sup>8</sup> James J. March e Herbert Simon comungam do conceito de “racionalidade limitada” para o universo das organizações. Vale registrar a proximidade teórica dos trabalhos de Herbert Simon com a sociologia econômica.

imaginários sociais (Lallement, 2004). É dessa forma que compreendemos o universo e as ações dos chamados empresários, que atuam sob forte influência de símbolos outros e não apenas conduzidos por racionalidades abstratas, ou seja, por técnicas de gestão encontradas nas tradicionais abordagens funcionalistas. Abramovay (2004, p. 36) lembra que os atores econômicos agem, em grande parte, influenciados por crenças partilhadas, normas monitoradas e aplicadas e por mecanismos que surgem das relações sociais. Os indivíduos, e com os empresários não seriam diferentes, buscariam algum tipo de reconhecimento nos círculos sociais ao qual estão circunscritos. Não haveria uma lógica abstrata do que se denomina mercado, como alocação de recursos. Os mercados não seriam entes abstratos, neutros e impessoais (Abramovay, 2004, p. 47) e os modelos mentais dos atores estariam influenciados por aspectos culturais.

Como estamos a tratar de um estudo que envolve a relação Estado e sociedade, não poderíamos deixar de registrar a contribuição de Diniz e Boschi (2004), que analisaram o comportamento político do empresariado brasileiro, interesses, *lobbies* formados e atuantes no Parlamento. O foco do estudo recente desses autores, igualmente inspiradores de nossa pesquisa, reside na reestruturação da representação de interesses do empresariado industrial a partir da década de 1990, quando o padrão de relacionamento com o Estado sofre profundas transformações. As privatizações, a liberalização comercial e a própria Reforma do Estado brasileiro proporcionam o pano de fundo para essas transformações, que levaram a uma reconfiguração das práticas desenvolvidas, na tentativa de centralizar no Parlamento brasileiro, e não mais no Executivo, o espaço de atuação dos interesses do empresariado.

### **Resultados parciais da pesquisa**

A abordagem teórico-metodológica privilegia, em nosso trabalho, uma perspectiva construtivista, pois nos permite analisar empresários e organizações em suas representações sem considerar os fenômenos econômicos como algo consolidado. Buscamos compreender como os empresários adotam práticas de gestão não apenas para viabilizar resultados, mas também para buscar legitimidade social, reconhecimento, rompendo com a dicotomia que opõe instituições e cultura (Swedberg, 2005; Raud, 2005). A perspectiva metodológica teve como pressuposto análises qualitativas através de entrevistas com questionários semi-estruturados.

Adotamos uma linha discursiva histórico-descritiva, que foi construída através das leituras relacionadas a temática e à percepção objetiva e subjetiva dos pesquisadores como usuários cidadãos. Nesta etapa do procedimento da pesquisa, utilizamos, juntamente com as leituras específicas, o recurso metodológico das “entrevistas exploratórias”, uma vez que, com elas, pretendemos enriquecer e reforçar as hipóteses, complementar nosso entendimento a partir das leituras, bem como, complexificar nossa visão da realidade (Quivy; Campenhoudt, 1998, p. 69).

Optamos por investigar, através das entrevistas exploratórias, a categoria de interlocutores composta das “testemunhas privilegiadas”, as quais compõem-se de indivíduos que estiveram em posições “chave” na estrutura do poder de Jaraguá do Sul, seja na esfera pública, privada ou em ambas, buscando captar suas representações.

Ouvimos, primeiramente, dois ex-Prefeitos<sup>9</sup>, em seguida, os cinco titulares da Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo, bem como optamos por buscar as observações do primeiro funcionário da mesma<sup>10</sup>, ocupante de um cargo executivo, oriundo da burocracia estatal, responsável pela operacionalização do dia-a-dia da pasta, desde sua implantação.

Na segunda etapa das entrevistas, buscamos a representação de cinco empresários do município, todos ligados ao associativismo e sindicalismo patronal, de grande representatividade econômica. O primeiro, ex-membro da diretoria da ACIJS<sup>11</sup> e executivo de uma empresa metal-mecânica muito representativa no município. O segundo, outro ex- membro da diretoria da ACIJS, comerciante, o qual também respondeu por um período à frente da Secretaria Municipal da Indústria, Comércio e Turismo, tendo sido, precisamente, seu primeiro titular. Na seqüência buscamos as observações de empresário do ramo imobiliário, também ligado a ACIJS, tendo atuado como vice-presidente, atualmente ocupa uma cadeira no conselho deliberativo da entidade. O quarto entrevistado, empresário do ramo têxtil, apresenta, a exemplo dos demais, larga experiência comunitária e de classe, tendo atuado durante doze anos na diretoria da ACIJS, exercendo paralelamente, ao longo de dezenove anos, a presidência do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Jaraguá do Sul e região, além de uma das vice-

---

<sup>9</sup> Dos períodos de governo compreendidos de 1983 à 1988; 1992 à 1996; 1997 à 2000 e 2001 à 2004.

<sup>10</sup> Trata-se do Diretor da divisão de indústria, comércio e serviços, que permaneceu no cargo durante onze anos ininterruptos, trabalhando com três Prefeitos e cinco Secretários Municipais ao longo do período.

<sup>11</sup> ACIJS – Associação Comercial e Industrial de Jaraguá do Sul, possui 1.066 empresas e entidades associadas, para maiores informações ver: [www.acijs.com.br](http://www.acijs.com.br)

presidências da FIESC<sup>12</sup>. O quinto e último empresário entrevistado nesta fase exploratória, atua no ramo metal-mecânico, tratando-se de outro ex-membro da diretoria da ACIJS e do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e do Material Elétrico do município.

Cabe ressaltar que este estudo dispõe de resultados considerados parciais, e por isso nossas análises têm caráter meramente exploratório neste momento, visando reforçar e enriquecer hipóteses.

Inicialmente, procuramos, com a aplicação das entrevistas, identificar os fatos que levaram a criação da Secretaria Municipal da Indústria, Comércio e Turismo, sua implementação e manutenção até os dias atuais, seu papel e nível de importância para com os empresários. Mas a idéia central reside em mostrar as instituições “não como premissas, mas, antes de tudo, como resultados da interação social” (Abramovay, 2004, p. 57).

Os entrevistados assinalam, como veremos adiante, que a criação e implementação da pasta<sup>13</sup> foi motivada pela envergadura econômica que o município adquirira e a conseqüente necessidade de contar com um órgão vinculado a burocracia estatal “a pensar o desenvolvimento econômico da região”, segundo um dos entrevistados.

Na criação da Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, o Prefeito à época, optou pela convocação de um jovem empresário do ramo do comércio automotivo, que havia, anteriormente, de forma destacada, composto a diretoria executiva da ACIJS, demonstrando, segundo depoimentos do empresariado local, inegável competência e, principalmente, profundo entrosamento com o segmento empresarial, não apenas do município, mas também a nível estadual. A gestão desse jovem empresário, a frente da Secretaria Municipal, estabeleceu as bases para que as diretrizes das primeiras ações da pasta tenham reflexos até os dias atuais, influenciando os titulares que se seguiram.

Quanto ao comportamento e as representações entre o Gabinete do Prefeito e os empresários, o Prefeito e o primeiro Secretário de Indústria e Comércio e Turismo, divergiram quanto à representação de classe junto ao Chefe do Executivo, quando o primeiro argumentaram que “a perfeita sintonia entre o titular da pasta e os empresários propiciou a intensificação dos contatos empresários - Prefeito” (informação verbal), o segundo destaca que as representações

---

<sup>12</sup> FIESC – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina.

<sup>13</sup> A criação da pasta remonta ao período governamental compreendido entre 1993 à 1996, na qual foi instituída uma reforma administrativa que contemplava, entre outras inovações organizacionais, a criação da pasta municipal da Indústria, Comércio e Turismo.

continuaram a acontecer à margem da Secretaria Municipal, “de líder para líder” (informação verbal), no caso dos presidentes de entidades empresariais e comunitárias reportando-se diretamente ao mandatário municipal.

O período do governo subsequente (1997-2000) assistiu a posse de um prefeito que personificava o empresariado local. Oriundo do quadro societário da maior empresa do município, fora antes vereador e deputado estadual. De perfil gerencialista, apresentava forte liderança pessoal, tendo implementado substantivas reformas na burocracia municipal. O segundo titular da então Secretaria de Desenvolvimento Econômico, nova denominação para a Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo, também provinha do segmento empresarial, tendo atuado na diretoria da empresa em que o Prefeito compunha o quadro societário. Porém, após alguns desentendimentos entre o Prefeito e o Secretário, este deixa o cargo depois dos 18 (dezoito) meses iniciais do governo. Efetivada a exoneração, o Prefeito Municipal opta por outro empresário, que conduz a Secretaria para programas de inclusão social, com políticas habitacionais e de capacitação de trabalhadores excluídos do mercado de trabalho formal.<sup>14</sup>

Na gestão posterior (2001-2004), o Secretário nomeado para exercer as funções que atendessem às questões do desenvolvimento econômico local foi outro empresário, este do ramo imobiliário, que despontava, na época de sua nomeação, como uma nova liderança empresarial, tendo atuado como coordenador do “Núcleo dos Jovens Empreendedores” da ACIJS. A indicação contou com forte influência do empresariado local.<sup>15</sup> Desligando-se do cargo devido ao calendário eleitoral de 2004, a pasta teve seu quinto titular e, pela quinta vez, outro jovem empresário oriundo da ACIJS.

No entanto, para que possamos compreender com mais clareza a dinâmica que envolve interesses públicos e privados no município, a partir da criação da Secretaria voltada ao desenvolvimento econômico local e aos interesses dos empresários, entrevistamos o Prefeito que idealizou, em meados da década de 1980, uma aproximação mais consistente entre o poder público municipal e ações empresariais, proporcionando uma visão de como atores privados podem influenciar as políticas públicas locais. Questionado sobre a relação do empresariado de

---

<sup>14</sup> O Secretário de Desenvolvimento Econômico não tem como propósito, evidentemente, atender única e exclusivamente os interesses privados dos empresários locais. Os negócios, as relações sociais, as associações comerciais e industriais e o vínculo entre poder público e interesses privados estão fortemente entrelaçados. Sobre este tema, ver Granovetter (1985).

<sup>15</sup> Abramovay (2004, p. 50) lembra o destaque que Granovetter proporciona às associações comerciais e como as relações de negócios se misturam com relações sociais e com as relações entre diretores de empresas são intensas.

Jaraguá do Sul com o governo municipal, o Prefeito demonstrou como se efetivava a relação do empresariado local com o poder público:

[...] sempre tentei manter um diálogo com os empresários, recebendo eles no meu gabinete, indo até a ACIJS, visitando-os, prestando contas da administração, levava meus secretários, por entender que a área econômica era o sustentáculo do município. [...] No entanto, ao contrário do que se possa imaginar, nunca interví nas eleições da ACIJS (Entrevistado 1).

Um dos aspectos mais relevantes que envolveram a Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo foi a indicação de empresários para a titularidade das pastas. O empresariado, além de formar grupos de interesse, passa a participar diretamente das decisões públicas municipais.<sup>16</sup> A Secretaria surge como fator aglutinador, sintetizando, em parte, a complexidade dos interesses do empresariado. O Prefeito, ao escolher secretários oriundos do setor empresarial, foi bastante sincero ao admitir que o novo Secretário e a ACIJS tiveram ótimo relacionamento, pois “[...] intensificou-se a relação lá e cá, houve um casamento perfeito, pois as lideranças empresariais sentiram que havia um perfeito canal de entrosamento da classe com o poder público” (Entrevistado 1).

Um dos titulares da pasta da Indústria, Comércio e Turismo justificou assim a importância e a busca de legitimidade do titular da pasta:

Primeiro deve ter imensa credibilidade junto a classe empresarial, deve ser articulado, deve ter capacidade de ação e acesso direto com os grandes. Se falta uma visão empresarial não deve nem nomear a pessoa. [...] Quase não havia a necessidade de reuniões com as entidades empresariais, pois eu era a expressão da classe e trabalhava estritamente dentro da mentalidade deles (Entrevistado 2).

Percebe-se assim, como as ações do Secretário podem vir a ser influenciadas por crenças partilhadas entre os empresários locais. As relações sociais adquirem, portanto, significativa importância na elaboração de políticas públicas voltadas aos interesses específicos do segmento empresarial.

Uma outra liderança política do município, ex-prefeito da cidade, aponta para o relacionamento próximo entre os governantes locais e o empresariado:

---

<sup>16</sup> Interessante observar o conceito desenvolvido por Granovetter (1985) de imbricação social (*embeddedness*), em que redes de relacionamentos interpessoais determinam a formação de grupos de interesse ou indicação desta ou aquela pessoa para cargos-chave ou estratégicos.

Todos os prefeitos tiveram bons momentos junto ao empresariado. Acho que todo prefeito deve prestar atenção no que o empresariado deseja, pensa, quer, pois eles são pessoas muito sérias e competentes. [...] Ouvíamos os pleitos, chegamos até a fechar duas ou três ruas para eles, mudar uma ponte de lugar, mas é porque vale a pena. Afinal, eles investem aqui. [...] Pegue o exemplo de Blumenau (SC) onde o Décio (Lima, do PT), afrontou eles, foi ruim para ambos (Entrevistado 3).

Os empresários locais, no entanto, não fazem boa avaliação dessas ações, ou intenções dos governantes municipais. A perspectiva das lideranças empresariais é diversa. A cobrança, inevitavelmente, tem como foco a ineficácia gerencial:

Jaraguá do Sul não merecia os governos que teve. O melhor período que tivemos foi quando um empresário de peso assumiu a cadeira. Os prefeitos anteriores e posteriores não foram nada bons, longe disso. [...] Nossa máquina administrativa está abaixo da média, pois não existe eficiência nenhuma. A Prefeitura, aos olhos da sociedade é uma caixa preta, ninguém sabe nada do que se passa lá, não existem números, dados, indicadores de eficiência, nada (Entrevistado 4).

Alguns creditam parte dessa suposta ineficiência a resistência, por parte dos gestores públicos, em discutir os assuntos comunitários com a classe empresarial e por atribuírem uma visão não holística ao planejamento do município:

O poder público municipal sempre andou a reboque, alguns estiveram mais perto dos empresários, porém no geral nunca foram criadas grandes sinergias [...] falta criatividade e uma visão mais ampla do que é a cidade e do que ela deve ser [...] assistencialismo, paternalismo não pode haver, o foco é no econômico, Jaraguá do Sul têm uma situação de pleno emprego porquê? Por causa do poder público? É claro que não! (Entrevistado 6).

Outros até atribuem certa dificuldade por parte do poder público municipal em acompanhar os níveis de eficiência empresarial da cidade, em grande parte devido a elementos culturais construídos pelos antepassados oriundos na grande maioria da colonização européia de diferentes períodos, dos quais destaca-se a ética protestante segundo valores pautados na honestidade e no trabalho como diretrizes para a vida social. “O lado político não acompanhou o lado empresarial, talvez até eles estejam melhor que a média nacional, mas mesmo assim ficam longe da administração das empresas daqui” (Entrevistado 6).

Os empresários trazem para si responsabilidades outras, demonstrando indisfarçável orgulho com o papel das lideranças empresariais para as questões sociais.<sup>17</sup> Importante pensarmos o mercado - e o comportamento empresarial - além das tradicionais análises, ora enaltecido pelos liberais, ora criticado por vertentes de pensamento à esquerda. Observar o mercado e o comportamento dessas elites locais, como uma construção social, traz uma outra perspectiva para a nossa investigação:

O papel dos empresários pode ser resumido numa história de doação, de entrega de valores à comunidade, não apenas na forma de tributos e equipamentos como creches, carros de bombeiros etc; mas de muita contribuição social. O maior legado que percebemos hoje na comunidade foi edificado com o esforço coletivo entre o empresariado e o poder público. Essa atuação sempre se deu livre de cores partidárias, sempre o que pesou mais foram os interesses mútuos (Entrevistado 5).

Independente desse discurso de cooperação entre o poder público e o empresariado, a avaliação destes continua rigorosa, mesmo quando o assunto transborda os limites do município. Questionado sobre o sistema partidário brasileiro, ideologias políticas, o empresário é objetivo.

Não existe sistema partidário muito menos ideologias, o empresariado apóia desde um Lula até o FHC passando por um Garotinho. Nós votamos em pessoas e não em partidos políticos. Pleitos são atendidos pontualmente, pessoas mudam de partido toda hora e em Jaraguá do Sul então o partidarismo é inexpressivo. (Entrevistado 6).

Alguns consideram até que o empresário uma vez imerso no sistema partidário brasileiro como agente político, passa a não mais representar o empresariado, “quando os membros (empresários) estiverem partidarizados, estes não mais estarão representando os interesses da classe empresarial e sim particulares” (Entrevistado 5).

Elisa Reis (2000), em estudo acerca da percepção da elite sobre pobreza e desigualdade, demonstra quais objetivos as elites gostariam de ver priorizados no Brasil em médio prazo, dentre estas, a elite empresarial destaca como principal a redução do tamanho do Estado. Um dos empresários entrevistados confirma tal hipótese:

[...] O que é realmente importante é o governo aumentar sua eficiência administrativa, diminuir o déficit público, enxugar a máquina e baixar os

---

<sup>17</sup> Autores da Nova Sociologia Econômica (NSE) apontam a importância dos indivíduos, ou lideranças locais, buscarem algum tipo de reconhecimento social perante suas respectivas comunidades. Embora Granovetter valorize as redes sociais, autores como DiMaggio valorizam, acima do conceito de imbricação social, a importância da cultura como determinante para o comportamento dos empresários e de suas organizações. Sobre este tema, ver Abramovay (2004) e Raud (2005).

impostos. Acredito que o processo de privatizações do FHC foram fundamentais para oxigenar a máquina estatal. [...] Mas hoje, o Governo Federal é uma calamidade (Entrevistado 6).

A mesma autora faz considerações quanto a importância de se observar nas elites nacionais uma certa descrença na capacidade do Estado em combater os problemas recorrentes da sociedade, em que percepções desta natureza são difundidas da mesma forma que as idéias liberalizantes:

[...] O Estado está inerte, incapaz de atender as necessidades da população, falta programas sociais não clientelistas para combater a pobreza, falta iniciativa quanto a segurança (Entrevistado 5).

Nossa amostra nos permite ainda verificar que existe um entendimento comum quanto ao sucesso das empresas do município que, de forma geral creditam grande parte da eficiência dessas, por as mesmas serem geridas, na maioria das vezes, pelas famílias fundadoras e em grande parte residentes na cidade.

[...] uma das peculiaridades do sucesso das empresas daqui, de forma geral, é quanto ao fato delas serem geridas a partir daqui, diferente de outros lugares, onde tem empresas multinacionais e mesmo nacionais, porém de propriedade de investidores de fora. Aqui é ao contrário, e isso gera uma situação de envolvimento comunitário muito grande do empresário. (Entrevistado 5).

Esse papel de envolvimento e sinergia por parte da classe empresarial se mostra muito presente na vida social do município, uma vez que as entidades do terceiro setor multiplicam-se de forma constante, sobrepondo-se em atribuições, envolvendo-se em múltiplas áreas e campanhas. Percebe-se, porém, certo desprendimento por parte dos dirigentes quanto aos espaços ocupados:

O que acontece com as entidades aqui, elas se multiplicam, se sobrepõem, em algumas campanhas na comunidade, você vê o Rotary e o Lions juntos, a CDL<sup>18</sup> e a ACIJS com a APEVI<sup>19</sup> também, pegue a SCAR<sup>20</sup>, o CPL<sup>21</sup>, veja o exemplo do CEJAS<sup>22</sup>, não conheço nenhuma situação parecida no Brasil, tudo funciona bem [...] (Entrevistado 5).

---

<sup>18</sup> CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas.

<sup>19</sup> APEVI – Associação das Micro e Pequenas Empresas do Vale do Itapocu.

<sup>20</sup> SCAR – Sociedade de Cultura Artística de Jaraguá do Sul.

<sup>21</sup> CPL – Centro Integrado dos Profissionais Liberais de Jaraguá do Sul.

<sup>22</sup> CEJAS – Centro Empresarial de Jaraguá do Sul, entidade que congrega a totalidade das entidades e sindicatos patronais de Jaraguá do Sul, sendo: ACIJS, APEVI, CDL e os seguintes sindicatos: das indústrias da alimentação de Jaraguá do Sul; das indústrias do vestuário de Jaraguá do Sul; das indústrias metalúrgicas, mecânicas e do material elétrico de Jaraguá do Sul; das indústrias da construção e do mobiliário de Jaraguá do Sul e do comércio varejista de Jaraguá do Sul; sob a presidência do presidente da ACIJS.

Destaca-se no universo empresarial de Jaraguá do Sul o raro arranjo institucional das entidades e sindicatos patronais, uma vez que todos, sem exceção, encontram-se contratados sob uma mesma figura jurídica, o CEJAS, tendo como objetivo “a operação e a administração sem fins lucrativos de um centro de atividades” (Artigo 4.o do contrato social consolidado do CEJAS), o qual porém não visa absorver ou interferir nas personalidades jurídicas dos sócios:

Congregar, sob um mesmo teto, pessoas jurídicas, participantes da sociedade, respeitada a respectiva identidade e os objetivos legais e associativos, não absorvendo o CEJAS, suas personalidades, nem se propondo a executar seus objetivos sociais específicos (Art. 4.o, letra “a” do contrato social consolidado).

### **Considerações finais e hipóteses**

As elites empresariais de Jaraguá do Sul (SC) promovem não só a representação dos seus interesses, mas também de grande parcela do município e da região, destacando-se seu papel no auxílio a entidades de cunho social, bem como na sensibilização das autoridades estaduais e nacionais para a renovação e ampliação dos equipamentos públicos. Está fraternalmente unificada, uma vez que suas principais entidades representativas ocupam uma mesma sede, constituindo uma figura jurídica comum na administração física. É perceptível o padrão de ação pautado em estratégia comum, destacando-se a continuidade nas ações reivindicativas e promocionais, em que se percebe uma construção das ações de forma sedimentar.

O empresariado de Jaraguá do Sul (SC) apresenta alguma propensão ao consenso em suas decisões, sendo elas fruto de reuniões e ações pragmáticas. Compete para essa hipótese o relevante indicador que aponta para 100% de consenso na eleição dos presidentes da ACIJS, desde sua fundação em 22 de junho de 1938.

Faz-se necessário destacar que generalizações seguras somente poderão ser confirmadas após a conclusão da pesquisa, ora em curso. Este artigo, como mencionado anteriormente, se propõe a apresentar os primeiros resultados auferidos, uma vez que importantes elementos surgiram nesta primeira fase, encorajando seu compartilhamento em publicação do gênero.

Obtivimos importantes elementos para revisar ou negar hipóteses, uma vez que as informações coletadas permitem-nos uma melhor fundamentação e sugerem alguns padrões de ação concretos do empresariado local.

Dentre as hipóteses reforçadas, destacamos (I) um crescente ceticismo quanto a eficiência do poder executivo, principalmente nas esferas municipal e federal, (II) a destacada

simpatia pelo receituário liberal de reformas para o Estado, (III) a percepção por parte do empresariado do papel fundamental das empresas para o crescimento e propagação da suposta qualidade de vida da população do Vale do Itapocu, (IV) a baixa confiança no sistema partidário brasileiro e o entendimento de que os empresários não devem envolver-se com a política partidária e, finalmente, apesar da citada desconfiança com o sistema político, (V) o compromisso com as instituições formais.

Percebemos alguns “desvios”, aos quais estaremos nos aprofundando na segunda fase da pesquisa quanto: (I) a participação popular nas decisões estratégicas do município, (II) percepções quanto a necessidade da utilização de grupos lobistas junto a esfera pública e (III) a necessidade de discussão de grandes temas afetos a reforma política e do pacto federativo.

Numa pesquisa *strictu sensu* não poderíamos excluir de uma verificação mais apurada, as percepções por parte do empresariado, quanto a temas amplos como o aquecimento global, pobreza e subdesenvolvimento, bem como possíveis cenários frente ao futuro da região relacionado ao processo de mundialização.

## Referências

- ABRAMOVAY, R. Entre Deus e o diabo. Mercados e interação humana nas ciências sociais. **Tempo Social**. Revista de Sociologia / Universidade de São Paulo. – v.16, n.2 (2004). São Paulo: USP, FFLCH, 2004. p. 35-64.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. 2. ed. Brasília: Ed. UNB, 1986.
- BOSCHI, R.; DINIZ, E.; SANTOS, F. **Elites políticas e econômicas no Brasil contemporâneo: a desconstrução da ordem corporativa e o papel do legislativo no cenário pós-reforma**. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.
- COHEN, I.J. Teoria da estruturação e práxis social. In: GIDDENS, A. e TURNER, J. **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999, p. 229-280.
- CORCUFF, P. **As novas sociologias**. Construções da realidade social. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- CORTES, S. M. V. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. In: NEVES, C. E. B.; CORRÊA, M. B. (Org.). **Pesquisa social empírica: Métodos e técnicas**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v.9, 1998, p. 11-47.
- COSTA, P. R. N. Empresariado e instituições democráticas: Idéias e propostas sobre democracia. **XXIX Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, 2005.
- DINIZ, E.; BOSCHI, R.R. Brasil: Um novo empresariado? Balanço de tendências recentes. In: DINIZ, E. (org.). **Empresários e modernização econômica: Brasil anos 90**. Florianópolis: ed. UFSC, 1993.

- DINIZ, E.; BOSCHI, R.R. **Empresários, interesses e mercado: dilemas do desenvolvimento no Brasil**. Belo Horizonte: ed. UFMG; Rio de Janeiro: ed. IUPERJ, 2004.
- DINIZ, E. **Globalização, reformas econômicas e elites empresariais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, p. 481-510, 1985.
- GRYNSZPAN, M. A teoria das elites e sua genealogia consagrada. **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, n.41, 1 sem. 1996, p. 35-83.
- GUIMARÃES, C. M. H. Interesses, organizações e políticas sociais. In: **Boletim Informativo Bibliográfico de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, n.31, 1 sem. 1991, p. 17-43.
- HALL, P.; TAYLOR, R.C.R. Political Science and the three New institutionalisms. In: **Political Studies**: Cambridge (UK), 1996.
- LALLEMENT, M. **História das idéias sociológicas**. De Parsons aos contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- MILLS, C. W. **A elite do poder**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- PUGH, D.S. & HICKSON, D.J. **Os teóricos das organizações**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. 2 ed. Lisboa Portugal: Gradiva, 1998.
- RAUD, C. Análise crítica da sociologia econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura de mercado em termos de redes e imbricação. **Política e Sociedade**. Revista de sociologia política / Universidade Federal de Santa Catarina – v. 1. n. 6 (2005). Florianópolis: UFSC; Cidade Futura, 2005. P. 59-82.
- REIS, E. Percepções da elite sobre pobreza e desigualdade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, n.42, v.15, fev. 2000.
- SWEDBERG, R. Sociologia econômica hoje e amanhã. **Tempo Social**. Revista de Sociologia / Universidade de São Paulo. – v.16, n.2 (2004). São Paulo: USP, FFLCH, 2004. P. 7-34.
- \_\_\_\_\_. **Max Weber e a idéia de sociologia econômica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; São Paulo: Beta Produções Culturais, 2005.